



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

RENATO DA SILVA LIMA

**AS RELAÇÕES ENTRE SENHORES DE ENGENHOS E NEGROS NO
“CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR” DE JOSÉ LINS DO REGO
(Artigo)**

**Campina Grande – PB
2012**

RENATO DA SILVA LIMA

**AS RELAÇÕES ENTRE SENHORES DE ENGENHOS E NEGROS NO
“CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR” DE JOSÉ LINS DO REGO**

Artigo Científico apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Literatura, sob a orientação da Prof^a Ms. Andreia Bezerra de Lima.

**Campina Grande – PB
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L732r

Lima, Renato da Silva.

A relação entre senhores de engenhos e negros no "ciclo da cana-de-açúcar" de José Lins do Rego [manuscrito]: / Renato da Silva Lima. – 2012.

20 f.:

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Andréia Bezerra de Lima, Departamento de Letras”.

1. Cana-de-açúcar 2. Senhores de Engenho 3. Negros 4. Casa Grande. I. Título.

21. ed. CDD 633.61

RENATO DA SILVA LIMA

**AS RELAÇÕES ENTRE SENHORES DE ENGENHOS E NEGROS NO
“CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR” DE JOSÉ LINS DO REGO**

Aprovado em 04 de junho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Andreia Bezerra de Lima Nota 9,0

Profª Ms. Andreia Bezerra de Lima / UEPB
Orientadora

Adalberto Teixeira Rodrigues Nota 9,0

Profª Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues
1º Examinador

Ricardo Soares da Silva Nota 9,0

Profª Dr. Ricardo Soares da Silva
2º Examinador

Média 9,0

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a Ms. Andreia pela grande atenção e auxílio que me deu; meus colegas de universidade Marcilon, Simone Cristina, Maria Dnalda, Francineide, Maria do Carmo, Luciana, Luiza, entre outros. A meus familiares: Francisco e Odacy (pais), Verônica (esposa) e Vinícius (filho) que me deram forças para chegar até aqui.

“O que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós”.

Clarice Lispector

“O segredo da existência não consiste somente em viver, mas em saber para que se vive”.

Fiódor Mikhailovich Dostoiévski

AS RELAÇÕES ENTRE SENHORES DE ENGENHOS E NEGROS NO “CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR” DE JOSÉ LINS DO REGO

LIMA, Renato da Silva¹

RESUMO

O ambiente rural nordestino abarcou uma série de acontecimentos de âmbito econômico e social da história brasileira e que perduraram muitos anos, nele se encontrava um personagem impar de nossa história – o senhor de engenho – que foi pano de fundo para a criação de diversos livros. Em virtude disso o presente artigo objetivou mostrar a relação entre senhores de engenhos e negros que José Lins do Rego expõe ficcionalmente em suas obras do denominado *Ciclo da cana-de-açúcar*, na visão dos narradores das obras *Menino de engenho* (2008), *Moleque Ricardo* (2011), *Banguê* (2011) e *Fogo Morto* (2009). Tendo caráter literário, sociológico e biográfico, essa pesquisa propõe fazer um diálogo entre o pensamento dos patriarcalistas e seus comandados (negros), mostrando passagens de crueldade no que tange os castigos sofridos por esta etnia diante das imposições trabalhistas dos senhores de engenho nestas obras, bem como trazendo um paralelo da visão do negro em seu convívio na casa grande. Para tanto, utilizamos como suporte teórico Brookshaw (1983), Bosi (2006), Candido (2008), Freyre (2004 / 2006), dentre outros.

Palavras-chave: Senhores de engenho. Negros. Casa grande.

¹ Graduando da Universidade Estadual da Paraíba, curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa.
E-mail: natosilva1983@gmail.com

INTRODUÇÃO

As relações sociais intensas que ocorrem em algumas das obras do *ciclo da cana de açúcar* do escritor José Lins do Rego, em particular entre os senhores de engenho e os negros que trabalhavam no eito chamou-nos a atenção para que haja um aprofundamento no estudo de alguns romances ambientados no *Engenho Santa Rosa* e nos circunvizinhos. A condição social que vivia os negros dos engenhos e a crítica memorialista de Zé Lins marcaram profundamente o contexto histórico da queda da aristocracia rural, impulsionando nosso interesse para a escritura deste artigo.

As obras analisadas neste artigo são *Menino de engenho* (2008), *Moleque Ricardo* (2011), *Banguê* (2011) e *Fogo Morto* (2009). Em *Menino de engenho* e *Banguê* mostramos as relações entre o senhor de engenho e os negros no *Santa Rosa*, apresentando o tratamento de José Paulino e seu neto Carlos de Melo (futuro herdeiro do Engenho Santa Rosa) – o Carlinhos (narrador em 1º pessoa do romance) – com os trabalhadores negros daquele famoso engenho; já em *Moleque Ricardo* é feito um contraponto (em 3º pessoa) da visão do negro para com o senhor de engenho Zé Paulino e a condição de vida no *Santa Rosa*; em *Fogo Morto* apresentamos mais alguns senhores de engenho que habitavam aquela mesma região em volta do famoso *Santa Rosa*, sendo neste romance apresentado mais formas brutais de tratamento para com os negros.

Situado historicamente na década de 30, os romances do *ciclo da cana de açúcar* de Zé Lins se encaixaram numa realidade de escrita que Bosi (2006) afirmou se tratar de fuga das regressões literárias ao Inconsciente, pois neste período foram expostos temas que retratavam as tensões vividas que compôs as estruturas materiais e morais do grupo social que ali viveu. Alfredo Bosi (2006) ainda concluiu que se houve novo período histórico (tenentismo liberal e política getuliana), também haveria de exigir novas experiências artísticas.

Os pressupostos teóricos que corroboraram para a elaboração desta pesquisa estão pautados nos seguintes autores: Bosi (2006), Brookshaw (1983), Candido (2008), Freyre (2004 e 2006), Trigo (2002), dentre outros, as leituras desses teóricos influenciaram a construção deste trabalho.

Como as obras que aqui são analisadas dialogam fortemente com questões sociais, a contribuição de Antônio Candido (2008) é bastante relevante, pois em *Literatura e Sociedade* o estudioso nos permite maior segurança na fundamentação que faz o elo entre o social e o

literário, como afirma o próprio Candido ao dizer que certas manifestações da emoção e da elaboração estéticas, há maior compreensão quando são referidas em um contexto social.

Os dados obtidos foram tratados qualitativamente, expondo características dos indivíduos e do cenário que os cercam, que segundo Garcez (2004) é a forma de pesquisa que leva em consideração a amplitude da leitura, detalhada e ascendente. Dessa forma, fizemos esta pesquisa de cunho analítico, tendo em vista a atuação dos personagens nos romances (senhores de engenho e negros) que irão fazer parte de nossa análise.

Os romances de José Lins do Rego têm estreita relação com o âmbito social, desta forma foi escolhido metodologicamente a relação dialógica entre literatura e sociologia, utilizamos também alguns fatos biográficos do autor que contribuíram para a formação dos romances, já que as obras, aqui analisadas, de certa forma, se confundem com sua biografia. Trigo (2002, p. 96), ressalta sobre o autor e a tendência histórica para uma escrita denunciante

[...] o Modernismo brasileiro floresceu num período de emergência da grande cidade moderna brasileira e do processo de industrialização. No caso de José Lins, os problemas, angústias e sofrimentos engendrados pelo conseqüente e inevitável declínio dos engenhos serviram de matéria-prima para a sua escritura.

Por esse motivo a forma de escrita do Zé Lins tratou de um tema que afetava uma grande leva de cidadãos, denunciando as crueldades daqueles que aderiram a uma forma de dominação de terras que perdurou durante séculos – os patriarcas. Este artigo tem por objetivo mostrar como o autor expõe ficcionalmente esses maus tratos na visão dos narradores das obras que aqui são estudadas. Dessa forma, aliamos passagens do livro com a teoria literária e sociológica que se entrelaçam inevitavelmente para debater tal assunto.

Este trabalho apresenta inicialmente uma breve contextualização do panorama histórico-social que influenciou o estilo de escrita denunciante de José Lins; posteriormente, foi feito uma análise das relações entre senhores de engenho e os negros comandados por eles, de forma dialogada, fazendo um contraponto das visões dos narradores, sendo eles de 1º ou 3º pessoas. Ao final, fizemos uma síntese do que discutimos ao longo do artigo, demonstramos a relevância de trabalhar o tema, assim como mostramos a satisfação de realizar tal pesquisa.

1. ROMANCE DE 30: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

O Modernismo de 22 foi um marco da história da literatura nacional, simbolizando o nascimento de uma forma de arte “nacional”, livre das interferências estrangeiras que aqui adentravam. Artistas como Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Graça Aranha escandalizaram uma sociedade acostumada às formas de artes expressas anteriormente e trouxe das vanguardas europeias uma nova concepção de ver e assimilar a arte, denominando-a de antropofagismo.

Na contramão deste movimento José Lins do Rego, Gilberto Freyre e outros intelectuais da época não aderiram a tais ideais ditos “modernos”, pois acreditavam que não havia nada de novo nisso, sendo apenas uma cópia de ideia trazida da Europa para o Brasil. Dessa forma, Zé Lins impôs uma linguagem, como afirma Bosi (2006) que se beneficiou amplamente de uma “descida” da linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, se enquadrando, portanto, no romance regionalista de 30.

O Romance de 30 foi definido por Dacanal (1986) da seguinte forma:

[...] o que é narrado é verossímil, é semelhante à verdade. Se não aconteceu, poderia ter acontecido no mundo real, histórico. As forças que vigem no mundo narrado são as do mundo real. Não há quebra de leis físicas e biológicas, não há intervenção de forças divinas ou diabólicas. Enfim é um mundo laicizado. [...] (DACANAL, 1986, p. 13)

Os fatos narrados nesse período representavam situações históricas contemporâneas ao momento vivido no país. Os personagens eram vítimas do sistema político que os comandavam. A queda do regime patriarca foi fruto da chegada das usinas açucareiras, reflexo de um país que saía do arcaísmo agrário e se voltava para um mercado industrial.

Convivendo intimamente nos engenhos de Pernambuco, José Lins demonstra um certo inconformismo, que Trigo (2002, p. 98) denomina de “inconformismo existencialista”, em relação a condição humana naquele ambiente caracteristicamente rural, que traz a figura do “decadente” patriarcalista – o senhor de engenho – como centro de seus romances ambientado nos engenhos.

O papel do autor e da sua forma de escrita é citado em uma conferência por Josué Montello (1986, p. 28) quando diz que “O escritor é testemunha que está com a palavra. Ou ele simplesmente depõe, ou dá a seu depoimento o tom de libelo. Registra ou denuncia. O

Romance de 1930 seria simultaneamente em romance de testemunho e um romance de denúncia”.

Trazendo um cenário tipicamente e verdadeiramente brasileiro, José Lins do Rego apresenta ao público obras que denunciam as desigualdades sociais vigentes no âmbito rural daquela época, as relações entre senhores de engenho e negros são, portanto, de grande destaque pelo autor que dá um toque intimamente memorialista, fazendo-nos sentir dentro daquele ambiente que foi ficcionalmente criado por ele.

2. PATRIARCALISMO X ESCRAVIDÃO

Em ambientes caracteristicamente agrícolas, onde predominavam as plantações de cana-de-açúcar, se ambientaram diversas tramas dos personagens criados pelo escritor paraibano José Lins do Rego. Relações estas que transpassavam barreiras de convívios sociais, chegando a denunciar comportamentos de desumanidade ocorridos naqueles locais. Tendo como protagonistas nestes embates: os senhores de engenhos e os negros.

Diversos exemplos de torturas e “castigos” praticados dentro dos engenhos são retratados por Zé Lins, iniciando seu denominado *Ciclo da cana de açúcar* com o livro *Menino de engenho* (1932). Esta obra foi o marco inicial da sua carreira de escritor, ambientando um período onde o patriarcalismo estava em decadência, e continuando seu ciclo com mais cinco livros, sendo que *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933) e *Banguê* (1934) pertencem a uma trilogia narrada em primeira pessoa pelo célebre Carlos de Melo – *O Carlinhos*.

Em sua obra inicial, o autor expôs a infância de Carlos, neto do senhor de engenho – o coronel *José Paulino*, que chega ao *Engenho Santa Rosa* após a morte da mãe dele (*D. Clarisse*) que foi assassinada pelo próprio pai. *Carlinhos* inicia sua trajetória nesse romance como um ser extremamente pueril, observa atentamente a rotina da casa grande e aos poucos vai se habituando aos tipos sociais ali viventes. *A Tia Maria* é um doce de pessoa, trata todos da casa com extremo respeito e carinho, sendo para o protagonista e narrador da história sua segunda mãe; porém no mesmo ambiente havia a *Tia Sinhazinha*, esta era a que tomava conta da casa do seu avô, mas com um “despotismo sem entranhas” – segundo palavras do próprio narrador -, o *Carlinhos* descreve como era o comportamento das duas pessoas supracitadas:

Logo que a vi² pela primeira vez, com aquele rosto enrugado e aquela voz áspera, senti que qualquer coisa de ruim se aproximava de mim. Esta velha seria o tormento de minha meninice. Minha tia Maria, um anjo junto daquele demônio, não tinha poderes para resistir às suas forças e aos seus caprichos. As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel. Ela criava sempre uma negrinha, que dormia aos pés de sua cama, para judiar, para satisfazer os seus prazeres brutais. Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, poeira nos móveis, furtos em coisas das dispensas, para pretexto de suas pancadas nas crias da casa. (REGO, 2008, pp. 44-45)

Essas formas de tratamento severas eram correntes no engenho Santa Rosa, porém foi exposto inicialmente como eram tratadas essas negras dentro do ambiente domiciliar da casa do último dos patriarcas o Zé Paulino.

José Paulino era um senhor de engenho tradicional, dono de vastas áreas cana de açúcar plantado, tinha como característica principal o comando veemente da vastidão de terras que possuía. Muitas das vezes tinha que intervir no trabalho dos operários da produção açucareira para que não houvesse problemas posteriores, sendo que alguns destes trabalhadores eram remanescentes do período de escravatura que existia no século XIX. Este senhor de engenho, segundo Brookshaw (1983, p. 98), em sua obra *Raça e cor na literatura brasileira*, diz “foi mais beneficiado pela Abolição do que os escravos liberados, pois passou a usar o capital que anteriormente empregava para manter alimentada e vestida sua força de trabalho na expansão de terras e aperfeiçoamento das maquinarias”.

Certamente, muitos senhores de engenho cresceram em virtude dos baixos custos da mão de obra, devido a essa constante exploração sofrida por aqueles negros que ali viviam. O próprio José Paulino confirma a assertiva quando fala

Os meus negros enchiam a barriga com angu de milho e ceará, e não andavam nus como hoje, com os troços aparecendo. Só vim a ganhar dinheiro em açúcar com a abolição. Tudo o que dantes possuía era pra comprar e vestir negros. (REGO, 2011, p. 87)

Gilberto Freyre, grande sociólogo contemporâneo e amigo próximo do José Lins, também retrata aquele ambiente peculiar dos engenhos, sua famosa obra *Casa grande e senzala* (2008) foi um marco de grande repercussão mundial, nele também se detalham aspectos internos oriundos das relações entre negros e senhores. Na obra *Nordeste*, do mesmo autor, também há passagens relacionadas ao tema aqui trabalhado, faz referência à opressão sofrida pelos negros e negras “bastava a do senhor de engenho gritando para o negro do alto da casa grande ou de cima do cavalo; bastava a do escravo cumprindo as ordens do senhor ou

² Descrição da tia Sinhazinha

do feitor; bastavam as mãos e os pés do negro; bastava seu sexo, capaz de larga procriação” (FREYRE, 2004, p.86).

Gilberto Freyre e José Lins, filhos da República Velha, observaram a rotina de uma classe decadente – a aristocracia – que vinha perdendo poder devido as sucessivas crises econômicas. Dessa forma, esses autores fazem uma espécie de desvendamento da intimidade desses tipos sociais. Tanto Freyre quanto Zé Lins eram íntimos destes assuntos interioranos, pois conviveram assiduamente o cotidiano dos engenhos. O caráter memorialista de Zé Lins é predominante nas obras deste ciclo que se confundem com a biografia do romancista, sendo a vida do personagem Carlos de Melo muito semelhante a dele.

Com relação ao tratamento dos negros no engenho Santa Rosa, há evidenciado diversas passagens do livro *Menino de engenho*, mas uma delas chama bastante atenção, pois demonstra a forma com que Zé Paulino castiga um deles – o cambiteiro Chico Pereira - por ser acusado de abuso a uma das negras – a Maria Pia - que lá habitava suas terras, fato esse narrado por Carlinhos:

O meu avô mandou botar cabra no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco. Somente um negro ladrão de cavalos ficara ali até que chegassem os soldados da vila, que o levaram. Agora, porém, Chico Pereira estava lá, com os pés no buraco redondo.” (REGO, 2008, p. 72)

Nesta passagem da obra é visto que o José Paulino destrata seus trabalhadores mais abundantemente com advertência verbal, os castigos físicos eram menos frequentes, pois ficava a serviço, caso precisasse, do feitor para tais atos de maior severidade. Porém, foi descoberto que o responsável por abusar de Maria Pia não tinha sido o negro Chico Pereira e sim o filho de Zé Paulino – o Dr. Juca -, este possuía um pequeno engenho próximo ao Santa Rosa e, posteriormente, protagoniza um outro romance do ciclo: *Usina*.

Eram comuns os senhores de engenhos manterem relações sexuais com as negras, tanto que muitas das vezes elas engravidavam. Em *Menino de engenho*, o futuro herdeiro do Santa Rosa *Carlinhos* inicia sua fase sexual bastante novo, com apenas 12 anos, com uma negrinha chamada Luíza. O convívio de Carlos de Melo com os “moleques de bagaceira” eram intensos, tinha a grande liberdade deles, podia ficar o dia inteiro brincando dentro do perímetro extenso do Santa Rosa, tomando banhos de rios e, dessa forma, tenho contato direto com os corpos daquelas negrinhas que ali habitavam. Sobre as relações entre Carlinhos e Luíza cita-se esta passagem do livro:

[...] Só pensava nos meus retiros lúbricos com meu anjo mau, nas masturbações gostosas com a negra Luíza. Comecei a querer-lhe um bem esquisito. Um bem que me arrastava ao rabo de sua saia aonde ela ia. [...] Era um vício absorvente o meu pegadio com a negra Luíza. O sexo impunha-me essa escravidão abominável. (REGO, 2008, p. 131)

Carlos de Melo não parou por ali, sempre estava em contato intenso com as negras do engenho, a fim de ter mais aventuras amorosas. Zefa Cajá era a mais conhecida dentre os “cabras do eito”, era uma negra que atraía por sua lubricidade intensa que agradavam a todos. Depois de muita insistência com a negra, Carlinhos também prova de suas carícias e, em consequência, adquire uma doença venérea. Seu avô ameaça-lhe que se ele não deixa-se de tais libertinagens lhe mandaria estudar num colégio interno senão levaria uma surra, porém não afetou-lhe tanto pois:

Para essas coisas o velho olhava por cima. A sua vida fora cheia de irregularidades dessa natureza. Quando brigou com Dr. Juca por causa da mulata Maria Pia, ouvi a negra Generosa dizer da cozinha:
- Quem fala! Quando era mais moço, parecia um pai d’égua atrás das negras. O seu Juca tem a quem puxar. (REGO, 2008, p. 143)

A história do menino de iniciação sexual prematura é finalizada com a mudança de cidade que o Zé Paulino impõe a Carlinhos, este irá estudar em um colégio interno na cidade de Itabaiana. Posteriormente, esta história de Carlos de Melo será contada na obra *Doidinho*, portanto, não fará parte da análise deste trabalho.

Fazendo um contraponto de visões, a obra *O moleque Ricardo* (2011) mostra a vida do negrinho que se aventura na cidade na tentativa de possuir uma nova rotina, pois estava cansado daquela que tinha no engenho Santa Rosa.

Ricardo, filho da negra Avelina, por impulso forte pega um trem para Recife, chegando lá trabalha auxiliando o maquinista fazendo serviço para o mesmo. Pouco tempo depois, o negrinho consegue emprego em uma padaria, cujo dono era um português – o Seu Alexandre. No decorrer do tempo que Ricardo vai passando em Recife ele vê que a vida da cidade grande era muito mais dura de que a do engenho e sente na pele de alguns de seus colegas a verdadeira dificuldade de viver dignamente. A fome circundava os trabalhadores que possuíam famílias e moravam em condições precárias. Viu colegas seus adoecerem e morrerem por faltar o mínimo de comida para se nutrir. Dessa forma, a obra serve como um paralelo entre a visão de Carlinhos e a de Ricardo. David Brookshaw fala sobre a obra:

Ricardo, ao defrontar-se com a sociedade urbana, percebe suas diferenças e, no final, dá-se conta das vantagens da vida na fazenda, vantagens para as quais sua vivência urbana abriu-lhe os olhos. Assim, em *O Moleque Ricardo*, José Lins do Rego tenta mostrar-nos a vida na cidade através dos olhos e reações de um menino negro do interior. (BROOKSHAW, 1983, p.122)

Sempre com um tom saudosista Ricardo vai traçando uma comparação entre a vida anterior e a atual na cidade do Recife, desmistificando, de certa forma, que o cotidiano no Engenho do Coronel José Paulino era ruim, pois lá havia sempre plantações de batatas ou hortaliças nos terreiros das casas onde viviam, frutas para se fartarem, peixes no rio; diferentemente do local onde ele foi aventurar-se.

Em Banguê, Carlos de Melo volta ao engenho Santa Rosa formado em Direito, porém sem saber exercer a profissão. Nesta obra há um destaque ao senhor de engenho José Paulino, pela primeira vez (e única) esse personagem emblemático tem um capítulo do livro destinado a sua vida. Zé Paulino, já com uma idade bem mais avançada, estava bem mais rude no trato com seus trabalhadores do eito, as negras da casa grande continuavam a serem humilhadas e sofrerem desconposturas da Sinhá. O – agora Dr. Carlos de Melo – estava naquele ambiente apenas de expectador, era uma figura neutra na casa, sem tantas preocupações sobre seu futuro. Porém o que lhe afligia muito era o tratamento com as negras da casa e com os negros do eito. Para o narrador não era necessário tal tratamento, pois ele conviveu com muitos deles no seu tempo de infância e naquele momento entendia melhor seus sofrimentos.

Uma negrinha – a Josefa - que vivia na casa era extremamente carinhosa, filha de uma das trabalhadoras da cozinha. A todo momento Carlos de Melo estava em sua companhia, sentindo-se bem com aquela atenção especial da menina por ele, porém a Sinhazinha ficava reprimindo a atitude da menina e constantemente castigava-a até separá-la do neto do senhor de engenho.

A negrinha Josefa não falava comigo na frente de gente. Passava de cabeça baixa, pelo meu quarto, mas quando me surpreendia sem ninguém por perto, me perguntava as coisas, com a fala assustada, olhando para os lados com medo das sombras. Vivia com o pavor dos verdugos. O corpo doído das lapadas da sola dura. [...] (REGO, 2011, p. 47)

Neste trecho é evidenciado que há uma grande preocupação por parte da D. Sinhá em separar “naturalmente” os negros da etnia nobre da casa grande, mostrando-lhes que devem se pôr em seus devidos lugares sendo este fato simbolizado pela pobre negrinha que frequentava aquele ambiente.

Carlos de Melo se envolve com a negra Maria Chica, que trabalhava na cozinha da casa grande. Assim como na infância, ele volta a relacionar-se com as empregadas do seu avô, porém dessa vez foi com uma só. Mais tarde a negra engravida do rapaz e ele dá seu jeitinho de tirar ela de casa por um motivo óbvio: não se deve manchar o nome da família queria casar com uma mulher rica. Outro motivo de não chegar à tona esse fato foi um romance do personagem por Maria Alice, uma familiar que veio do Recife para se tratar na fazenda com os bons ares do campo.

José Paulino morre e Carlos de Melo herda toda a vastidão de terras do Santa Rosa. Muitos dos trabalhadores de seu avô abandonam-o e o novo proprietário perde controle total das atividades da produção açucareira, dessa forma o engenho vai gradativamente beirando a falência.

Um dos negros tem papel importante nessa obra – é o Marreira -, um mulato liberto que ascende financeiramente arrendando terras próximas ao Santa Rosa. Este personagem foi bastante criticado pelos familiares de Carlos de Melo, que o viu absorvendo os bons trabalhadores do Santa Rosa para seu pequeno engenho, dando melhores condições de vida e trabalho para quem o acompanhasse em seu projeto de ascensão.

Há, portanto, uma simbologia de libertação da escravidão sofrida pelos trabalhadores que naquele celebre engenho gastavam suas energias. Essa seria então a verdadeira abolição tida por aqueles pobres que eram extremamente explorados pelos aristocratas da produção açucareira. Viam a ascensão do Marreira como forma de se livrarem nos seculares maus tratos que sofreram historicamente. Segundo Luciano Trigo (2002) José Lins tinha uma visão simplista e engajada pelas vítimas das injustiças sociais, transmitindo uma visão simplista do dinamismo socioeconômico em que patrões só pensavam tirar o maior lucro possível e operários viviam em condições miseráveis.

Foi no engenho *Santa Fé*, que José Lins do Rego mostrou as piores formas de tratamento impostas aos negros. Esta revelação romanesca encontra-se no que muitos críticos apontam como a obra prima do escritor: *Fogo morto*.

O capitão Tomás Cabral de Melo foi o primeiro senhor de engenho do *Santa Fé*, criou fama de homem de capricho, de palavra, de trabalho duro. Este Tomás era assíduo no trabalho, passava todo o tempo fiscalizando a rotina de seus empregados, “ficava de cacete na mão como feitor, fazendo a negrada raspar o mato, furar terra, plantar cana”. Sobre a forma dura de trabalho o narrador descreve que:

Os negros do capitão tinham fama. Diziam que no Santa Fé negro só comia uma vez por dia, que couro comia nas suas costas, nos castigos tremendos. O fato era que a escravatura do Santa Fé não andava nas festas do Pilar, não vivia no coco como a do Santa Rosa. Negro do Santa Fé era de verdade besta de carga. O capitão dizia ele mesmo que negro era só pro trabalho. (REGO, 2009, p. 213)

Após a morte do capitão Tomás quem assume as rédeas do engenho Santa Fé é seu genro Lula de Holanda (Luís Cesar de Holanda Chacon). Era um homem extremamente calmo e não acompanhava o sogro nas rotinas de trabalho do engenho. Ao assumir o posto de senhor de engenho foi revelado a verdadeira face deste patriarca – o de mais cruel dos senhores. Lula de Holanda castigava negros sem nenhum motivo relevante, ao contrário de seu sogro que castigava negro “fugido”, pois para capitão Tomás era a perda de um grande investimento que fugia junto.

Nas obras analisadas neste artigo *Menino de engenho* (2008), *Moleque Ricardo* (2011), *Banguê* (2011) e *Fogo Morto* (2009), observamos que há concepções diferenciadas do ponto de vista de cada narrador da história, uma visão da criança Carlinhos em *Menino de engenho* e do jovem Carlos de Melo em *Banguê*, no *Moleque Ricardo* há uma projeção por parte do narrador em terceira pessoa do sentimento retratado pela situação de Ricardo quando vivia no engenho, comparativamente, de como ele vive na cidade do Recife; na retomada ao ciclo da cana de açúcar, o seu décimo romance *Fogo Morto*, reforça a diversidade social vigente nos engenhos quando são narrados fatos dos personagens secundários de outras obras, havendo uma denuncia maior da relação patrão – escravo em engenhos com castigos mais rigorosos. Dessa forma, demonstra que Zé Lins, sempre arraigado nas terras do massapê, quis aprofundar-se mais em fatos de maior relevância as crueldades sofridas por aqueles que forneceram alimento para os moinhos e ajudaram a contar a história de uma das mais importantes fontes de riqueza que perdurou durante séculos até serem atingidas por fogo morto, ou seja chegando ao fim daquele regime bárbaro e autoritário que existiu.

José Lins cria a partir de suas obras do ciclo da cana de açúcar uma verdadeira obra moderna para ele, pois este autor considerava o Modernismo da semana de 22 uma falsa manifestação, não havia para ele nada de moderno, pois seus precursores foram buscar fontes nas vanguardas europeias. Através de uma linguagem simplória e que retrata o profundo de tipo sociais viventes nos engenhos, em seus tempos de declínio há, portanto, uma presença constante do artista criador, mostrando sua posição diante da sociedade. Antônio Candido ressalta que:

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem as necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. (CANDIDO, 2008, p. 34).

Portanto, o caráter memorialista do romancista aqui trabalhado funciona como um intensificador da realidade existente nas obras do ciclo da cana de açúcar, sua proximidade com a vida dos engenhos faz com que, segundo Bosi (2006) ressalta, o próprio José Lins autodenomina suas obras de repletas “verdade estética”, declarando ser um escritor “espontâneo e instintivo”. Dessa forma, o tom denunciante dos maus tratos sofridos pelos negros nos engenhos ganha um toque de uma espécie de testemunho por parte do autor, fazendo com que haja uma forte sensação de revolta e reflexão entre os leitores destes livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve grande relevância, pois fez-nos perceber a grandeza da proximidade entre a escrita ficcional de José Lins do Rego com a realidade brutal das relações desiguais entre os últimos dos patriarcas e os negros que viviam no ambiente das casas grandes. Isso se dá, devido ao fator biográfico do autor, que passa a ser de grande influência no sentimento de proximidade do leitor com os personagens de suas obras.

Ao trabalhar com a visão de Carlos de Melo nas obras *Menino de engenho* (2008) e *Banguê* (2011), vimos como aconteciam as relações desses senhores com as negras da casa grande e, como Carlinhos era o narrador-protagonista dessas obras deu pra notar nitidamente como ele se sentia ao ver o tratamento duro dos seus parentes para com os negros do *Santa Rosa*.

Ao analisarmos *O moleque Ricardo* (2011), foi feita a dialógica deste trabalho de pesquisa, onde um dos negros vai traçar uma comparação da vida em uma cidade grande com o cotidiano da casa grande. Dessa forma, fizemos uma análise comparativa das visões dos narradores em 1º e 3º pessoa que o Zé Lins expõe de maneira bastante impessoal, porém com uma sutileza de linguagem que nos encaminham para sentirmos tais divergências de opiniões dos protagonistas das histórias. Com relação à formação dos narradores, Brait (1985, p. 67) diz que:

A narração em primeira ou terceira pessoa, a descrição minuciosa ou sintética de traços, os discursos direto, indireto ou indireto livre, os diálogos e os monólogos são técnicas escolhidas e combinadas pelo escritor a fim de possibilitar a existência de personagens, dependendo de suas intenções e principalmente de sua perícia, ele vai manipular o discurso, construindo essas criaturas, que, depois de prontas, fogem ao seu domínio e permanecem no mundo das palavras à mercê dos delírios que esse discurso possibilita aos incontáveis receptores.

Nessa assertiva vemos, portanto, que o autor nos mostra as técnicas de utilização dos narradores de 1º e 3º pessoas e o impacto que é causado por tal artifício dentro da narrativa.

Podemos afirmar que em *Fogo Morto* (2009), Zé Lins faz uma retomada de alguns personagens secundários em outras obras, para reforçar a denúncia de agressões aos trabalhadores do eito açucareiro. Nesta obra é exposta com maior clareza a brutalidade das torturas e humilhações sofridas por esta etnia no panorama agrário nordestino.

O entrelace de ideias e visões dos narradores das obras aqui analisadas fizeram termos, com auxílio dos teóricos que analisam estas obras e/ou a sociedade daquela época, uma maior

clareza das relações sociais existentes entre os membros da casa grande, então nosso papel foi de levar à tona passagens que demonstram estas relações conturbadas que aconteciam na ficção e que transgride para o realismo puro.

Está, no entanto, mostrado que o papel do escritor Zé Lins foi de grande relevância na descrição dos fatos que circundavam as relações entre senhores de engenho e negros, no âmbito histórico e social que abarcou grande parte da sua vida. Seu estilo de escrita simplório é, de certa forma, facilitador da compreensão imagética dos tipos sociais viventes nas casas grandes, tornando-se de extrema relevância para que se forme juízos de valores em relação aos personagens criados por este escritor.

Nesse trabalho, mostramos como a literatura pode contribuir para denunciar situações de desumanidades sofridas por parte de uma camada social menos privilegiada, como o exemplo desse artigo os *negros*, que sofreram por diversos anos as mais brutais formas de tratamento que se pode ter.

Por fim, chegamos à conclusão de que esse trabalho pode servir de subsídio a futuros pesquisadores que desejam trabalhar com esta temática, obviamente, trazendo mais contribuições para o aprofundamento do assunto aqui abordado.

ABSTRACT

The rural northeastern encompassed a series of events economic and social development in Brazilian history, which lasted many years, it was an odd character in our history - the planter - that was the background to the creation of several books. This article aimed to show the relationship between masters of mills and blacks Jose Lins do Rego fictionally exposes in his work called the Cycle of cane sugar, in view of the narrators of the books *Ingenuity boy* (2008), *Ricardo kid* (2011), *Bangue* (2011) and *Dead Fire* (2009). Having literary character, sociological and biographical, this research proposes a dialogue between the patriarchal thinking and his men (black), showing passages of cruelty regarding the punishments suffered by local communities on the labor charges of the planters in these works as well as bringing a parallel vision of black in their living in the big house. We used as theoretical support Brookshaw (1983), Bosi (2006), Candido (2008), Freyre (2004/2006), among others.

Keywords: Planters. Black. Big house.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- DACANAL, José Hildebrando. *O Romance de 30*. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Técnica de redação*. In: O que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MONTELLO, Josué. *O Romance de 30 no Nordeste*. In: Revisão do Romance Nordestino de 30. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará (PROED), 1983.
- REGO, José Lins do. *Banguê*. 23 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- _____. *Fogo morto*. 68 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- _____. *Menino de Engenho*. 96 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- _____. *O moleque Ricardo*. 28 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- TRIGO, Luciano. *Engenho e memória*. In: O nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.